



**“Ana – Amor e Guerra”: Folkcomunicação em Luiz Beltrão e seu método de contar a história de Olinda e Recife<sup>1</sup>**

Eliane P. Mergulhão<sup>2</sup>  
Universidade Paulista (UNIP)

**Resumo:** O artigo, com base no conto “Ana – Amor e Guerra”, levanta alguns aspectos importantes da Cultura popular do Nordeste brasileiro. Neste conto, o ponto mais forte é a visão do autor sobre o feminino, mas principalmente sobre a história das guerras holandesas em Olinda e Recife (PE). No âmbito do texto literário, as análises apresentadas dão ênfase à Folkcomunicação como eixo dialógico no trato das comunicações sociais regionais. Objetiva-se demonstrar que Luiz Beltrão sempre valorizou sua cultura e sua história, e em tudo o que escreveu há um modo “pedagógico” de enfatizar sua detalhada visão jornalística. Busca-se demarcar que, na linha teórica da comunicação dos excluídos, a literatura beltraniana, mediada pela Folkcomunicação, é uma voz eficiente que, além de ressaltar a cultura do Recife, presta-se muito bem como instrumento de interação social, em todas as camadas da sociedade.

**Palavras-chave:** Cultura; Folkcomunicação; História; Pernambuco; Texto literário.

## **Introdução**

*“Ana não entendia de guerra; entendia de amor.”*

De todos os contos do livro *Contos de Olanda*, “Ana – Amor e Guerra” é o de maior extensão e o que mais bem denota a visão de seu autor, tanto sobre o feminino quanto sobre a transformação histórica das cidades de Olinda e Recife e dos engenhos do interior do estado de Pernambuco. Durante a narrativa da vida amorosa de Ana, a protagonista do conto, os elementos dramáticos, todos, acompanham as demandas das

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP 1 Teorias da Folkcomunicação, na XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação, de 25 a 27 de junho de 2018, em Parintins (AM).

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação Social pela UEMESP. E-mail: <elianemergulhao@terra.com.br>



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas – UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

guerras que sacudiram aquela região do Nordeste brasileiro ao longo da história, desde sua fundação até o auge da colonização espanhola (período filipino 1580-1640), e além.

Em outros contos desse livro, na própria narrativa, Luiz Beltrão (1918-1986) insere elementos históricos, tais como monumentos públicos, pontes, conventos, igrejas, festas e fatos regionais. Neste conto, em especial, ele perfaz um largo período da história de Pernambuco que recobre o final do século XVI e o início do século XVII, tempo este em que o Brasil, estando sob governo espanhol, fora invadido pelos holandeses, que estavam em guerra contra a Espanha. O interesse dos holandeses pelo Nordeste, principalmente por Pernambuco, deu-se em função da riqueza do estado, de suas fazendas e usinas de cana, onde era produzida grande quantidade de açúcar, produto cobiçado pelos europeus em geral e pelos holandeses em particular.

O que de mais interessante se nota neste conto é que a trajetória de vida da personagem segue em paralelo com a história de Pernambuco, envolvida direta ou indiretamente com todos os conflitos que realmente aconteceram no período do governo holandês, coincidindo com o incêndio de Vila, a tomada da capital e das cidades do interior, a transformação e urbanização da ilha de Antônio Vaz, que passou a ser chamada por eles de Cidade Maurícia. Assim, ao narrar a história de Ana, o autor narra a guerra e a história do lugar:

(Sim, a guerra estivera presente em todos os dias da sua vida. Mas, sendo coisa de homem, não lhe despertara maior interesse: ela a ignorara até que ali, naquelas janelas da casa grande do seu engenho, vira Belinha, Luiza, Antônia e outras vizinhas serem colocadas pelo coronel em desespero como trincheira ao fogo serrado dos sitiados...)

E, ao narrar a história de Ana, vai traçando o perfil de uma mulher extraordinária, como são todas as heroínas literárias de Beltrão. Ao narrar as histórias paralelas de Ana e da guerra, ele nos “ensina” um pouco da história do seu estado natal.

Desde o início do meu curso de doutoramento, sob a orientação do nosso querido professor José Marques de Melo, instigada por ele, comecei a analisar o texto literário de Beltrão, já que eu vinha de uma formação em Letras, com Mestrado em Língua portuguesa, quando analisei contos de Monteiro Lobato com ferramentas teóricas da Análise Crítica do Discurso (ACD), na linha do teórico holandês Teun van Dijk, que



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas – UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

recomenda analisar textos considerando o contexto, fechando o triângulo “discurso-sociedade-cognição” (DIAS, 2002). Entretanto, conhecer a literatura de Beltrão e aprender a reconhecer em seu texto literário os próprios recursos comunicacionais que ele teorizou na Folkcomunicação – a comunicação dos excluídos – tem sido uma aventura de largo aprendizado da realidade. (BELTRÃO, 2001; DIAS, 2015)

Desse modo, o objetivo deste artigo, ao fazer a análise desse conto, como já fiz dos outros no pós-doutorado, como também em congressos, palestras e oficinas (DIAS, 2006), é o de divulgar a obra de Luiz Beltrão (cujo centenário se dará em 08/ago./2018). E, mais: fazendo essa amostragem de sua obra eu espero poder incentivar outros pesquisadores, da Folkcomunicação, do Jornalismo, de Letras, a também usarem obras da literatura brasileira, principalmente dos autores de Norte e Nordeste, como objeto de estudo da cultura e da identidade nacional.

### **O conto como roteiro da história**

Como aprendemos em Teoria literária, o romance conta algo que já aconteceu, e o conto narra algo que está acontecendo, ou que ainda vai acontecer. O conto é muito antigo. Como narrativa oral ele surgiu da necessidade que o homem sente de transmitir sua história, sua cultura, suas memórias. Sabe-se que, desde os tempos arcaicos, os homens se reúnem para contar histórias em volta do fogo, nas noites de lua cheia... Desse modo, passou a transmitir para seu grupo tudo o que representava sua cultura, ou seja, seus mitos, seus rituais, suas tradições, suas crenças. Com a invenção da escrita, a tradição oral passou a ser registrada, de modo a ficar para a posteridades, pois o que estivesse escrito poderia ser lido muito tempo depois. E assim está.

Essa tradição vem atravessando os calendários desde tempos imemoriais, chegando até nós com um considerável acervo de contos de todos os tipos: os contos maravilhosos para as crianças, os contos de terror, como os de Edgar Allan Poe, os contos mágicos do Egito, os contos árabes das Mil e uma Noites, e tantos outros. Mas o homem continua a escrever suas histórias, pois continua a reescrever seu aprendizado de viver no mundo. Ao escrever seus contos, o homem de todos os tempos se faz um pouco mestre e um pouco aprendiz da sua própria realidade. Como inferimos no título deste artigo, Luiz



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Beltrão também nos ensina – como jornalista – a conhecermos o seu mundo e a sua realidade, aqueles do seu tempo, mas também os de um tempo pretérito, antigo, cuja soma é o resultado do que temos hoje.

Pedro Demo (2009, p.59) defende um mesmo ponto de vista, quando afirma: “Não há como aprender sem referência ao *mundo cultural* de cada um, porque não temos da realidade externa imagem copiada, reproduzida, mas tipicamente *reconstruída*. Aprender é, neste sentido, *reconstruir-se*, mais que literalmente, porque a vida não é fluxo passivo, mas, pelo menos em parte, ele é construído em *contextos sócio-históricos concretos*, dialogicamente entre condições internas e externas” (*grifos nossos*).

No conto aqui apresentado há um contexto literário de signos e imagens: os signos inferem realidades do passado de modo subjetivo, e as imagens reescrevem ou reconstroem fatos pretéritos, de um tempo em que muitas coisas aconteceram e que cada narrador escreveu de um jeito, tanto aquilo que viu ou o que ouviu contar. A história não é única. Muitas são as histórias do mundo e dos tempos passado e presente. A herança cultural que recebemos está em estado latente nessas narrativas. Nelas, dorme a história.

Cada conto de Beltrão contém um universo próprio de histórias, signos, imagens. “Ana – Amor e Guerra” nos faz viver com Ana desde a juventude até a velhice, e nos ensina a conhecer um pouco daquela realidade que pode, sim, ter acontecido daquele modo.

Desse modo, a metodologia dessas análises segue o modelo cognitivo-interativo, pois vai levantando no texto o contexto da história e da realidade que ouvimos contar, que lemos algures. Não há modelo único, fechado. Não há teoria única, escolhida por ser melhor. Em cada análise busca-se o contexto e infere-se novos elementos junto ao texto, e assim fazemos o tecido com que se desvendam fatos e ideologias, tanto do passado quanto do presente.

Alguém já disse que analisar narrativas é, por si só, uma aventura sem previsão de chegada, pois, na literatura, tudo é possível, porque de cada novo ângulo ou de cada nova página pode surgir uma nova aventura.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas – UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

### **O amor como contraponto da guerra**

Ana não entendia de guerra, só entendia de amor, já avisa o autor, na primeira linha do conto. E segue mostrando ao leitor uma Ana jovem, bonita e rica, mas triste, lembrando seu falecido marido, o belo Pedro, que havia morrido em função dos ferimentos provocados pela guerra:

Cerra as pálpebras e recorda a figura de Pedro em seu elegante uniforme de capitão, a tez morena do rosto coberto pela barba cerrada, o bigode em riste, o corpo musculoso, as mãos que se fechavam com vigor sobre o punho da espada como se o cortante metal fosse parte do seu braço, mãos que, no entanto, eram delicadas e cariciosas quando desbravavam o seu corpo nas primícias do amor. Aquelas mãos a haviam conduzido, como guia de cego, pelo labirinto de sensações que, embora com ele, não houvessem jamais alcançado o último patamar, a levariam mais tarde ao êxtase. O negro fumo de guerra roubara-lhe Pedro, coberto de medalhas de sangue, herança de duras lutas nos duros tempos em que ambos juntos viveram.

Vivendo sozinha na casa grande do engenho, somente na companhia dos escravos, Ana se consola, lembrando com saudade das viagens que fazia, do engenho para a Vila, indo de barçaça a remo, na companhia dos pais:

Ana afasta da memória aqueles momentos de angústia e medo. E revive madrugadas em que a barçaça, tangida pelo remo dos mais fortes negros do seu pai, cortava as águas do rio, rumo à Vila, encarapitada nas suas graciosas colinas e que logo surgiria rosada pelo sol que se erguia do mar. Desembarcavam no Varadouro, onde uma multidão de soldados, índios, negros e vendedores de aves, frutas e doces se movimentava, enchendo de sons e cheiros o pátio que parecia jamais dormir. Além, ancorados, de velas recolhidas, ao longo do cais, repousavam jangadas e saveiros, de onde na véspera haviam desembarcado e sido levados ao trapiche os produtos da terra: caixas de açúcar, toros de madeira, fardos de pele e algodão, cargas de mandioca e de frutas com que se abastecia a Vila.

Ana segue lembrando de tudo o que acontecia na Vila. A personagem se torna, no conto, uma memória histórico-jornalística, e descreve as relações sociais e comerciais que se desenvolviam naquele tempo, em Recife:

Ana se demora naquela relembração da adolescência: o largo da igreja era limitado pelo Paço do Governador, com suas grossas paredes, suas janelas solarengas, as torres e o telhado que o tempo cobrira de lodo, esverdeando-os, e a ribanceira a pique, que separava o morro onde a Vila nascera das outras colinas. Além, o mar azul lançava-se em ondas contra os arrecifes que protegiam o porto, coalhado de naus, caravelas, urcas e galeões, que traziam do Reino, da costa africana, do Oriente e até do lendário Peru, tudo quanto o ouro doce e branco, que escorria das moendas para os tachos e purgava nos cem engenhos da Capitania, podia comprar. Eram azulejos, pedras, móveis, porcelanas, espadas e armas, garfos, colheres, imagens, cálices de ouro e paramentos bordados, brocados, veludos, sedas e chamalotes da Índia, lãs da Espanha, estofos da Inglaterra, rendas da Irlanda, tapeçaria flamenga e italiana, pérolas, perfumes, canela, noz moscada, cravo e incenso do Oriente, joias de ouro e prata dos Incas, reprodutores bovinos e equinos, e os escravos – tudo vinha no bojo daquelas embarcações, que retornavam carregadas de açúcar e pau-brasil, de pimenta e papagaios num tráfego incessante.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas – UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Mas a vida segue, a guerra muda de rumo, os flamengos tomam conta da administração e as coisas começam a se acalmar. Nesse interim, depois de idas e vindas, mortes, perdas e luto, Ana encontra um novo amor.

(A guerra que roubara de Ana o seu primeiro amante se implantava em sua vida como uma parasita, sugando-lhe reservas de esperança e sonho. Mas, sendo coisa de homem, dela só alcançavam os ecos. A fortuna, em certo momento, parecia não sorrir para os invasores: então, incendiaram a Vila. Aquele mundo dourado se transformara em cinzas que o vento levava da praia para a mata, cobrindo corpos insepultos, ruínas e vidas destroçadas. O pai e os irmãos, exceto um deles tombado na luta, haviam regressado, mas o sofrimento que lhes fora imposto também derrubara o velho dom Jerônimo. Os sobreviventes resolveram retirar-se com a mãe para a Bahia, que se mantivera livre do domínio do invasor, fracassado em suas tentativas que tinham sido exitosas para o norte. Concordaram em que Ana permanecesse no engenho: afinal, alguém teria de ficar e ela já não era mais aquela juvenzinha inocente e indefesa de anos atrás. Estava com vinte e seis anos: era uma dama. Logo aprendera a língua dos invasores, conquistara a confiança de alguns dos membros mais destacados do governo, o Príncipe, conciliador, já viera uma vez ao engenho, atendendo ao seu convite, feito através do capitão Charles de Toulons que, com peças e máquinas trazidas do Recôncavo Baiano havia modernizado o processo de fabricação do açúcar, aumentando sua produção. Não, Ana continuava a não entender de guerra; com Charles, voltara a cultivar o amor.)

Não há espaço neste artigo para colocar todo e conto de Beltrão, de modo a contextualizar os fatos descritos. Segue-se a trajetória dos amores de Ana, e mais uma vez ela vai perder para a guerra o seu amor holandês, que “chegara ao cair da tarde, montando o fogaço cavalo baio. [...] Da cintura pediam-lhe a espada e a pistola e trazia a tiracolo um alaúde”. A história da conquista holandesa de Pernambuco tem muitas nuances, e como já dissemos antes, cada historiador narra do seu ponto de vista. Fatos conhecidos dizem que:

Os holandeses ficaram por 24 anos em Pernambuco. Nesse período, Recife seria conhecida como Nova Holanda. Para governá-la, a Companhia das Índias Ocidentais enviou para o Brasil o conde Maurício de Nassau. Ao desembarcar, em 1637, ele daria início à chamada “idade de ouro” do Brasil holandês. Quando chegou no Recife, Nassau encontrou uma população de cerca de 7 mil pessoas obrigada a conviver nas piores condições de higiene e conforto. Para enfrentar a falta de habitações, iniciou a construção, na Ilha de Antônio Vaz, daquilo que veio a ser chamada Cidade Maurícia. Uma cidadela urbanizada e ligada ao continente por pontes. Apesar das mudanças efetuadas por Nassau, a colônia não dava os lucros desejados pelo governo holandês. Por este motivo, em maio de 1643, foi imposto que Nassau abandonasse a administração e retornasse para a Holanda. Porém, ele demorou quase um ano para obedecer. Em seu Testamento Político, ele recomendou que, na sua ausência, o governo fosse tolerante com práticas religiosas e exercesse sem rigor a cobrança dos créditos dos engenhos. Que conservasse as fortificações e fizesse o que fosse possível para atrair a simpatia dos comerciantes portugueses<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> A expulsão dos holandeses, em 1654, leva os portugueses a se instalarem na Ilha de Antônio Vaz e aí reconstruírem sua cidade e seus templos. Em 1856, encontra-se uma cidade que já é, de fato, a capital da província, que cresce e conquista seu espaço ao rio e ao mar (LOUREIRO & AMORIM, 2000, p.20).





## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas – UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Logo depois que Nassau se foi, a guerra recrudesciu; novos massacres foram impetrados pelos naturais aos estrangeiros. A guerra seguiu para o interior do estado, os engenhos foram atacados e muitos deles incendiados e destruídos. Muitas mortes e muita traição de lado a lado. Ana, inteligente, rica e viúva pela segunda vez, continuou a administrar suas terras e a vender seus produtos. Passou por experiências dolorosas e se convenceu uma vez mais de que a guerra era “coisa dos homens” e que o amor era “coisa das mulheres”. Assim, Ana resolve mudar de ares e continuar a viver em busca do amor:

Compreendera que deveria despir as vestes de luto, restabelecer seus contatos sociais, tentar manter a posse de suas terras e, quem sabe, reencontrar o amor. Os inimigos ocultos do seu falecido marido poderiam agir contra ela. E fora ao tratar de questões legais relativas à sua viuvez, com o conselheiro de justiça da administração flamenga, que nele encontrara o homem de quem necessitava naquele transe. Gisbert de With era um cavalheiro fino, educado, de fala mansa e ponderada. Pertencia a uma destacada família da Holanda, fizera seus estudos de leis na Universidade, desempenhara funções de magistrado, pretendia seguir a carreira diplomática. Fora, porém, enviado à nova colônia por indicação direta do Príncipe de Orange, com a missão de aconselhar os membros da alta administração sobre os assuntos relacionados ou conflitantes com os interesses da metrópole.

No entanto, a paz não chegou. Mais uma vez, Ana pondera sobre sua vida entre o Amor e a Guerra:

Ana afastara as preocupações da cabeça: mais uma vez recusava admitir que aquela interminável guerra chegasse à bucólica paz do seu engenho. Não seria justo que o terceiro homem de sua vida, que nada tinha de guerreiro, lhe fosse arrebatado, exatamente quando, passada a ânsia da adolescência e a vertigem da juventude, entrava a usufruir o amor consciente e calmo da maturidade. Estava certa de que agora, afinal, a segurança por que aspirava, pela qual sacrificara até mesmo suas crenças familiares, seria alcançada sob a toga protetora de Gisbert.

Mesmo assim, o destino se impôs. Ana continuou a viver na casa grande do engenho, enquanto o terceiro marido ficava na cidade, em seu posto de trabalho. Visitava-a no engenho e a convidava a ir viver na cidade com ele. Mas Ana não queria. Sua vida estava atada à vida de seus escravos e de seu engenho. Rosa, sua mucama, era quem cuidava, com todo o desvelo, da sua Sinhá Ana:

Rosa balança suavemente a rede onde Ana dorme, do mesmo modo como fazia quando Charles estava de serviço na guarda do Príncipe. Então, a vida em torno sorria, pássaros e cigarras faziam duetos, o aroma do melão pairava no ar, ouvia-se o ruído líquido do rio deslizando pelas pedras, o canavial assoviava de manso ao vento brando e constante, e o amor dava brilho àqueles cabelos, precocemente grisalhos, mais negros do que a sua pele. E Ana, agora sempre trêmula e insegura mulher, ao despertar e levantar-se não precisava de sua ajuda, saltava como uma corça fugindo ao caçador, ignorando o sangue, a morte, a guerra. À sua sinhá, as chamas da casa-grande que haviam lhe consumido o ânimo de viver, e o abandono de Gisbert, que voltara ao seu mundo na fria Holanda, crestaram as sementes da sempre-viva do amor, que somente reviviam em doces sonhos e amargos pesadelos.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

### **O feminino na literatura beltraniana**

Dentre os onze contos que compõem o livro “Contos de Olanda”, somente dois deles não têm protagonista feminino. Todos os outros são contos sobre a vida e as aventuras, e desventuras, de moças e de mulheres casadas. Embora, no primeiro conto – O penitente – a trama se desenrole em torno de uma moça fantasma, sem ela não haveria o conto. É o caso da personagem ausente. O padre vê o fantasma da moça e, quando fica sabendo que ela já morreu, ele quase enlouquece. Por isso faz penitência.

No segundo conto – A dama de ouro – referência clara ao jogo de cartas, em que a Dama de ouros é a carta da sorte, a vida de Marilu é quase um filme romântico; mesmo após a morte do marido, ela continua sua vida, independente e livre; mantendo garantida a sua riqueza, viajando e amando a seu bel prazer. No terceiro conto – O major e os mamoeiros – a antagonista é uma cigana que lê a sorte do major e causa uma revolução. Toda a trama se dá entre mulheres da família, mas o protagonista é o velho que escondia sua cachaça no pomar e lá tomava com o canudo dos mamoeiros.

Doralice, a protagonista do quarto conto – A arma do crime – é terrivelmente castigada pelo marido por conta de uma traição. As reflexões que a personagem faz neste conto são algo muito interessante do ponto de vista da condição feminina. É um conto que daria um ótimo filme curta-metragem. Já no quinto conto – A bruxaria – Jurema é ainda uma menina adolescente, que aprendeu com a avó Dona Zefa toda a ciência das plantas medicinais. Com fama de bruxa, acaba vítima da violência de um assediador rejeitado. Este é o conto mais terrível do livro.

O sexto conto é este que acabo de mostrar – Ana – Amor e Guerra –, cuja protagonista é moça livre e sonhadora, mas que também é esperta e dona de seus negócios. Viveu a vida segundo sua vontade e, mesmo tendo-se desiludido no final, teve Rosa para cuidar dela e a acompanhar fielmente. Quase todas as personagens de seus contos têm um lado feminista, independente. Até mesmo as que traem os maridos o fazem por convicção e por prazer.

O sétimo conto tem duas personagens opostas em tudo: a professora Dona Flora, católica e sem filhos, e a empregada Lucinda, que trabalha na casa do garoto protagonista





XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

do conto. Lucinda inicia sexualmente o menino e depois é demitida pela patroa. Neste conto Beltrão mostra a hipocrisia da classe média com relação ao trato da sexualidade, no contraponto com a liberdade natural das mulheres do povo. Uma leitura imperdível.

O oitavo conto é sobre as peripécias de um garoto que estuda música porque sonha ser um concertista. Vai para o serviço militar e lá sofre horrores com os apelidos e chacotas dos outros recrutas. Ao tornar-se adulto, vai lecionar música para pagar o aluguel da pensão onde vivia. Muito pobre, não podia ter piano nem estudar em tempo suficiente para ser realmente um concertista. Morre-lhe a mãe e ele envereda pelo alcoolismo. Foi salvo por um casal que o “adotou” e lhe cedeu o piano para ensaiar.

A personagem do conto, Dona Quininha, uma rica senhora do lugar, passou a manter Giovanni e ainda arranjou um contrato no exterior para que ele fosse tocar na Europa. O interessante na trama é que ela busca um contato antigo – no qual o sexo esteve incluído – e com a ajuda do alemão rico muda o destino de Giovanni, o pianista com quem ela vive um tórrido caso de amor e sexo, com total convivência do marido passivo.

O nono conto – A botija – é uma história de cemitério e capela: não tem personagem feminina. Já o décimo conto – Vida em mar-de-rosa – tem um embate entre duas personagens femininas: Gertrudes, uma mulher branca, casada com um médico branco, mas que sempre tem filhos mulatos; e Oneida, a enfermeira do médico, marido de Gertrudes, que morre no parto quando ia dar a ele o primeiro filho legítimo. Um dramalhão de fazer rir e chorar.

O último conto do livro – O sequestro – tampouco tem personagem feminina. Este é um conto mais atual, de cunho político, com uma narrativa bem jornalística. Fala do governo, de televisão, jornais, e faz uma boa paródia da segurança oficial. Muito hilário!

Este é o conteúdo de “Contos de Olanda”, livro que nos leva a conhecer as cidades de Recife e de Olinda, seus monumentos, suas ladeiras, seus conventos e igrejas; seu povo, seus hábitos, suas crenças e sua alma feminina. Pois se há uma característica marcante no texto literário de Luiz Beltrão, pode-se afirmar que é o seu feminismo militante. Suas personagens femininas são todas mulheres fortes, donas de sua vida, e financeiramente independentes. Amam e se divertem sem proibições nem censuras.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas – UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

### **Considerações sobre Cultura, Comunicação e História**

Para Pacheco Guimarães (2012, p.452): “Examinar discurso é inevitavelmente examinar visões de mundo. Se não houver uma descrição minimamente razoável sobre como o componente cognitivo interfere na construção do discurso, não há avanço”. Desse modo, nessa breve análise do conto beltraniano muitas coisas tiveram de ser deixadas de lado, dada a exiguidade do espaço e a finalidade do estudo. Mesmo assim, algumas questões concernentes ao tema podem ser esclarecidas.

Com relação à cultura, no decorrer do conto é possível perceber um repertório de gestos, fatos, costumes, hábitos, crenças e modos de vida, que eram a expressão do povo de Pernambuco naquela época. A miscigenação, a religião, os interditos e as permissões. As leis e as práticas de um grupo social que vivia sob o domínio do governo estrangeiro e que, para todo lado que se voltasse, havia regras e leis estranhas ao povo do lugar. No entanto, essa história acabou por moldar uma cultura que permaneceu ali, e que ainda hoje tem seus vestígios aparentes, geográfica, social e culturalmente. O passado permanece nas pedras da praia e nas paredes das igrejas e conventos.

Para Laraia (2000), o homem mantém seus padrões culturais em todas as suas ações. Até porque, como único animal que produz cultura, ele adapta para si o tempo e o meio ambiente, de modo a alterar, construir, modificar e, ali, sobreviver. A cultura, portanto, sendo um processo cumulativo de conhecimento humano, favorece a reedição das experiências das gerações anteriores, cuja memória vai sendo atualizada de acordo com o desejo dos indivíduos das novas gerações. E é desse modo que, também para Luiz Beltrão, o homem cumpre seu papel no mundo.

Sobre a comunicação, matéria-prima do jornalista, o ato de comunicar, seja escrevendo uma notícia seja escrevendo um conto, aprende-se com Beltrão que este deve ser também um ato de responsabilidade e de dever ético. Tenho refletido sobre nossa realidade atual e fico imaginando como ele iria sentir-se mal diante do panorama que vemos hoje nas comunicações em geral e no jornalismo em particular. Estou segura de que ele seria um crítico ferrenho dessa situação de hoje, no Brasil e no mundo.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

O teórico francês Dominique Wolton vem questionando muito seriamente este panorama contemporâneo. No livro “É preciso salvar a comunicação”, ele adverte: “Com a comunicação, estendem-se os *dois fios* da identidade e da cultura... [...]. O *conflito das civilizações* poderá ser evitado se pensarmos como uma questão de paz e de guerra essas relações entre identidade, cultura e comunicação” (WOLTON, 2006, p.222, *grifos no original*).

Ou seja, fecha-se mais uma vez um triângulo. O primeiro: discurso-sociedade-cognição, orienta a leitura e análise das narrativas do texto em contexto com a realidade. O segundo: identidade-cultura-comunicação, quando pensado como uma questão de “guerra e paz”, e somente assim, evitará o conflito mundial que bate à nossa porta com iminente urgência.

Sobre a história, inserida no conto de modo sub-reptício, vale colocar aqui um trecho de um estudo sobre a cidade de Recife, especialmente sobre Olinda, que explica, via discurso acadêmico, dados que o discurso literário deixa apenas subentendido:

A Vila de Olinda é fundada com o propósito de sede da Capitania, e assim será nos próximos três séculos. Olinda, no entanto, apesar de sua situação privilegiada de defesa, não reunia as condições essenciais para cumprir as funções comerciais da Nova Lusitânia. Conquanto invulgar, a beleza de sua situação não favorecia o comércio por ficar muito distante dos arrecifes que formam o único porto da região. Por isso, aos poucos foi se agrupando nova povoação junto ao molhe natural, cujo nome tomou. Os habitantes de Olinda votam aos da nova aldeia o mais acerbo desprezo, apelidando-os “mascates”. [...]. A cidade do Recife passou a ser a capital e Olinda, mantendo ainda o orgulho de sua situação e passada grandeza, regrediu à insignificância de subúrbio de sua rival (KIDDER, 1845 *apud* LOUREIRO & AMORIM, 2000, p.22-23).

O livro em que Beltrão publicou os seus “contos de Olanda” – mistura de Olinda com Holanda – foi prefaciado por Nilo Pereira, seu amigo e companheiro de trabalho no jornal. Há um trecho em que ele diz: “O contista, neste livro, mostra que a condição humana ali se move sob o signo das surpresas e dos imprevistos. Não é uma Olinda-monumento-mundial que Beltrão recorda: é a cidade comum, trivial e barroca, que adquire os contornos de uma ficção romântica com os seus dramas entre paredes sagradas” (PEREIRA, 1989, p.6 – Prefácio).

Retomo Wolton (2006) para dizer juntamente com ele que “salvar a comunicação” é, antes de tudo, defender um ideal democrático e compreender que comunicar é estar



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

junto, é coabitar, é aprender com o outro, e que estes aprendizados devem ser para todos nós o enorme desafio deste século XXI e dos vindouros.

Diante disto, estudar as comunicações, via Folkcomunicação (BELTRÃO, 2001), pelo viés da cultura e da história, vai favorecer um entendimento maior de nossa realidade e de nossa cultura. Assim, ao conhecermos o passado, a história e a cultura do povo, podemos valorizar o presente e sentir orgulho daquilo que somos. Creio ter sido este o método – gentil e amoroso – que Luiz Beltrão nos legou para nos ajudar a reconstruir, dia a dia, a nossa própria identidade de brasileiros.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

## REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTRÃO, Luiz. “Ana – Amor e Guerra”, em: Luiz Beltrão. **Contos de Olanda**. Recife: FUNDARPE, 1989 [p.99-128]. (Prefácio de Nilo Pereira)

DEMO, Pedro. Aprendizagens e novas tecnologias. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, agosto, 2009, vol. 1, n. 1, p.53-75. [ISSN 2175-8093]

DIAS, Eliane Penha Mergulhão. **Marcas Folkcomunicacionais na obra literária de Luiz Beltrão**. São Paulo: INTERCOM, 2015.

DIAS, Eliane Penha Mergulhão. Bruxaria: sincretismo cultural em Luiz Beltrão. **Revista Comunicação e Sociedade**. Ano 29, n.º 47. Apresentado no evento de comemoração dos dez anos da Cátedra Unesco-Methodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, UMESP, set/2006.

DIAS, Eliane Penha Mergulhão. **Discurso, Sociedade e Cognição**: intertextos e interdiscursos na representação linguística da monocultura do café no vale do Paraíba. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

LARAIA, R. de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 13.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

LOUREIRO, Claudia; AMORIM, Luiz. O mascate, o bispo, o juiz e os outros: sobre a gênese morfológica do Recife. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S.l.], n. 3, p.19-38, nov.2000. [ISSN 2317-1529]

PACHECO GUIMARÃES, Cleber. Análise Crítica do Discurso: reflexões sobre contexto em Teun van Dijk e Fairclough. **Eutomia**, Revista de Literatura e Linguística, vol. 1, n. 09, 2012, p.438-457.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. Tradução de Vanise Pereira Dresch. São Paulo: Paulus, 2006.